

APAC - Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos

É fundamental divulgar o Património Histórico

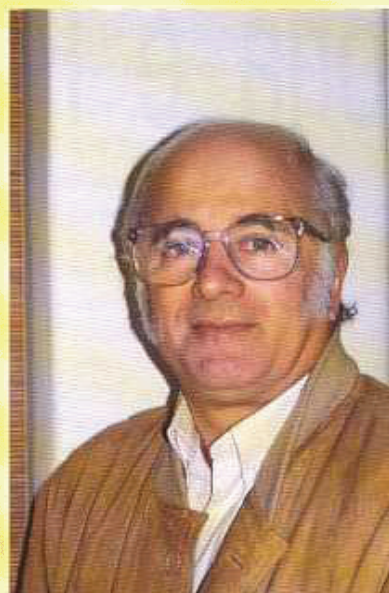


A Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos (APAC), nasceu em 1983 na sequência do II Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses. Apesar de ser uma ideia que já datava do antigo Regime, foi só na década de 80, com o ressurgimento da tomada de consciência do valor do Património, que esta Associação começou a dar os primeiros passos, apoiada em fundos cedidos pelo Estado Maior do Exército e pelo Ministério da Defesa.

Com objectivos bem definidos, a APAC começou desde logo a alertar para a necessidade de preservar o Património Histórico e Militar, através de diversas iniciativas que obrigassem a esta tomada de consciência. Quatro anos mais tarde, a direcção de então concluiu que o trabalho desenvolvido seria facilitado se possuissem instalações em Lisboa, uma vez que estavam instalados no Palácio da Flor da Murta, em Caxias, ficando assim mais perto dos centros de decisão. Actualmente, a APAC ocupa um edifício, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, no centro da cidade, ainda que a sede formal continue a ser no concelho de Oeiras.

O Património edificado, como sejam os castelos, fortalezas, praças fortes, atalaias ou estradas romanas, é o objecto de estudo da Associação que, não sendo uma instituição interventiva, procura divulgar e alertar para a salvaguarda do nosso Património, junto das entidades com responsabilidade nesta matéria. De acordo com Francisco Sousa Lobo, Presidente da APAC desde 1987, "o nosso papel não é apenas crítico, com frequência entramos em contacto com as entidades envolvidas, alertando para os problemas, dando ao mesmo tempo conselhos es-

pecíficos, ou então provocamos o diálogo entre as diferentes partes em oposição, tentando gerir conflitos". Promover congressos e debates onde o Património edificado esteja no centro das atenções, não encerra a actividade da APAC já que, na base do seu trabalho, estão as visitas de estudo. "Não é possível discutir e agir sobre o património sem conhecer o edifício em questão e ao mesmo tempo a sua envolvente. Nestas iniciativas participam não só os sócios, sendo muitos



Francisco Sousa Lobo
Presidente da APAC

deles professores, técnicos do IPPAR, da DGEMN e das autarquias, mas também os técnicos locais envolvidos na conservação, restauro e manutenção. Desta forma podemos em consciência elaborar estudos sobre a melhor forma de salvaguarda", refere Francisco Sousa Lobo, acrescentando que "a aposta nas visitas de estudo como forma de introduzir uma nova dinâmica, levou ao aumento do número de sócios e estimulou a ligação com os investigadores e entidades que intervêm na área do Património".

Sempre com o intuito de cumprir

os objectivos estatutários, a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos tem outros projectos em carteira, nomeadamente a criação do Clube de Sócios, da Galeria de Exposições Temporárias, que se prevê começar este ano com a exposição "Defender Lisboa" e da Biblioteca da APAC, especializada em Arquitectura Militar. Neste caso, é objectivo da Associação reunir num só local o máximo de documentação possível sobre esta matéria, facilitando desta forma o acesso à informação.

Criar um conjunto de desdobráveis sobre os Castelos Portugueses em ruínas ou mesmo desaparecidos, é outra das iniciativas da APAC, em articulação com o IPPAR. Para Francisco Sousa Lobo esta é uma outra forma de salvaguardar o património histórico e militar "já que para nós tem igual valor um castelo que esteja em bom estado ou que até já tenha desaparecido: o importante é que haja informações sobre ele. Se existe, como pode ser reutilizado? Se desapareceu, é necessário preservar-lhe a memória ou criar um sítio histórico".

Outro dos projectos passa pelo aumento do número de associados dos actuais 1700 para 2000, o que permitirá à APAC ser reconhecida como Organização Não Governamental de âmbito nacional, de acordo com o estipulado na legislação portuguesa.

Ao fim de 16 anos de actividade, Francisco Sousa Lobo assegura que a APAC é uma estrutura com capacidade para responder às solicitações e trabalhar em articulação com as entidades oficiais. Para o futuro fica a garantia que "a Associação vai procurar intervir de uma forma ainda mais eficaz, para gerar dinâmicas mais fortes e soluções de reutilização que conduzam a uma melhor salvaguarda dos monumentos".